

As mudanças socioculturais e a inserção no urbano das comunidades ribeirinhas da Amazônia: Um estudo da Comunidade de Bom Socorro do Zé Açú no município de Parintins (AM)



*Luís Fernando Belém da Costa
Francisco Alcicley Vasconcelos Andrade
Hapolo Hibson de Souza Ferreira
Rildo Oliveira Marques*

Resumo

O artigo tem como objetivo fazer uma análise referente aos conflitos da preservação da cultura caboclo-ribeirinha com o avanço da racionalidade urbana, que influenciam no comportamento dos moradores da comunidade de bom socorro do Zé Açú, localizada em uma área de terra firme no município de Parintins-AM. Quanto aos procedimentos metodológicos: a observação direta e participativa, aplicação de formulários sobre modos de vida, hábitos, crenças, renda e atividades econômicas, assim como entrevistas com os comunitários. Na pesquisa constatou-se que a comunidade vem passando por uma série de mudanças de cunho socioculturais nos últimos anos, principalmente atreladas aos conflitos entre racionalidades do tradicional e do moderno, do rural e do urbano, e tal condição de conflito é o resultado do avanço da racionalidade urbana no cotidiano dos moradores da comunidade pesquisada.

Palavras-chave: Comunidade Ribeirinha; Cultura; Conflitos.

Abstract

The objective of this article is to analyze the conflicts between the preservation of the Caboclo-riverine culture and the urban rationality, which influence the behavior of the residents of the community of Zé Açú, located in a land area in the municipality of Parintins-AM. As for methodological procedures: direct and participatory observation, application of forms on lifestyles, habits, beliefs, income and economic activities, as well as interviews with community members. In the research it was verified that the community has undergone a series of socio-cultural changes in the last years, mainly linked to the conflicts between the rationalities of the traditional and the modern, the rural and the urban, and such condition of conflict is the result of the advance Of urban rationality in the daily life of the residents of the community surveyed.

Keywords: Ribeirinha Community; Culture; Conflicts.

INTRODUÇÃO

A Amazônia é uma região dotada de riquezas diversas, de uma fauna e flora que impressiona e ao mesmo tempo em que promove a invisibilidade dos seus povos, posto que a visão de “fora”, principalmente exposta pela mídia nacional e internacional exaltam essa região dando exacerbada ênfase à natureza, ou seja, do ponto de vista de sua fauna e flora. Entende-se aqui que a Amazônia é um cenário de complexidades sociais, de relações sociais distintas e semelhantes, de encontros de culturas diferentes; cultura nordestina, europeia, indígena, africana, entre outras, o que promove uma complexidade ainda maior para entendê-la no seu processo social e cultural, no entanto, essa região é um locus essencial para se analisar realidades específicas; principalmente seus povos tradicionais, que geralmente habitam as margens dos rios, lagos e igarapés, e tem uma forma específica de organização social, política e econômica, além de uma cultura repleta de significados.

Neste trabalho o objeto de pesquisa foi à comunidade de Bom Socorro do Zé Açú (recorte geográfico da pesquisa), localizada na região do Zé Açú, que é composta por 09 comunidades, sendo que 04 ficam na margem da micro bacia do zé açú e 05 na beira das estradas. Esta pesquisa parte da necessidade de que é necessário conhecer melhor as comunidades ribeirinhas da Amazônia, em especial as localizadas no município de Parintins, para então se empreender novas formas de análises sobre os processos de mudanças socioculturais em que muitas comunidades do município de Parintins estão condicionadas, devido a uma serie de fatores, e neste trabalho foi dada a ênfase para o avanço da racionalidade urbana como condição de conflitos e mudanças socioculturais.

No processo metodológico foram aplicados questionários e principalmente entrevistas com gravador para registrar os depoimentos dos moradores, utilizou-se o modelo estatístico de aleatória simples, no qual foi proposta uma amostragem de 10% da população das famílias, sendo que trabalhamos com o aproximado de 230 famílias, o que representa 23 questionários aplicados, e na hora das entrevistas os membros entrevistados

sempre foram os chefes de família ou o membro mais velho presente no momento. A observação participante foi fundamental no aprimoramento da pesquisa, pois foi convivendo e ouvindo os moradores da comunidade que foi possível conhecê-la melhor, e poder fazer um trabalho mais aprofundado.

Este trabalho procura situar a pesquisa no contexto dos estudos sobre os aspectos socioculturais das Comunidades Ribeirinhas da Amazônia, bem como a discussão acerca do processo da globalização e seus efeitos nas culturas historicamente construídas. Abordará especificamente a comunidade de Bom socorro do Zé Açú, destacando as discussões referentes aos aspectos de formação histórica, crescimento espacial e mudanças sociais e culturais, no qual se insere as discussões acerca dos conflitos sociais que ocorrem na comunidade entre uma racionalidade dos moradores antigos que tentam manter uma cultura cabocla-ribeirinha e os moradores mais jovens que são mais atrelados a lógica da mudança, a lógica da racionalidade urbana.

1 EMBASAMENTO TEÓRICO

1.1 Comunidades amazônicas: aspectos socioculturais

Para entender os aspectos socioculturais das comunidades amazônicas é necessário primeiramente abordar o processo de formação histórica das mesmas, no caso tendo como base fundamental o envolvimento da igreja católica, e Fraxe (2011) confirma essa ideia ao ressaltar que pelo fato de o processo de formação das comunidades amazônicas ter se configurado principalmente com o envolvimento da igreja católica, então por isso mesmo não se pode desconsiderar o papel que a mesma tem e teve na formação social e cultural dessas comunidades.

Fraxe (2011) também chama atenção para o fato de que apesar dessas comunidades amazônicas possuírem uma serie de peculiaridades por terem passado por um processo histórico semelhante nas suas constituições, ainda sim não se pode afirmar que as mesmas são homogêneas, pois toda comunidade



possui certas características próprias. E por isso mesmo concepções generalistas sobre os modos de vida nessas localidades tendem a ser refutados diante do conhecimento local.

Porém, ainda que as comunidades não sejam homogêneas Fraxe (2011, p.105) argumenta que:

A vida comunitária no interior do Amazonas não varia muito de comunidade para comunidade, pois as pessoas foram se organizando de forma que facilitasse suas vidas e assegurasse suas condições mínimas de sobrevivências. Essa organização deu-se em todos os segmentos da vida social, religiosa e política. Isso pode ser observado a partir do centro dessas comunidades, no qual estão sempre interligadas a igreja, a sede, a escola e a casa do líder.

Os dizeres da autora remetem a lógica da condição das semelhanças que se é possível encontrar na realidade social, política, econômica e cultural dessas comunidades amazônicas, semelhanças essas que são inúmeras, assim como as próprias diferenças, basta comparar uma comunidade de várzea com uma de terra firme, que então será possível estabelecer inúmeras diferenças, seja na forma de apropriação dos recursos naturais, como no próprio modo de vida.

Wagley (1988) ressalta que nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Este autor afirma que na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais.

E a festa em honra aos santos padroeiros é o momento em que os comunitários reafirmam suas tradições, mitos, crenças, e assim sua própria cultura. Representa também uma condição em que um grupo de pessoas busca

manterem uma tradição diante das transformações socioculturais engendradas nas sociedades modernas. (FRAXE, 2011).

Outro ponto fundamental que não se pode deixar de enfatizar quando se estuda o modo de vida ribeirinho é a sua identidade territorial, o ribeirinho tem uma relação muito forte com seu local, e seus hábitos, crenças, e cultura enfim estão relacionados ao lugar, pois segundo Fraxe (2011, p. 123) “a construção de um lugar revela-se com a construção de uma identidade”.

Sem duvida falar da formação de comunidade rurais na Amazônia é ao mesmo tempo reconhecer o importante papel que desempenhou a igreja católica nesse processo. E no município de Parintins não foi diferente como expõe Cerqua (2009, p.154).

Um grande número dessas comunidades, particularmente nos primeiros anos, nasceu como Congregações Marianas de homens, com capelas para cultos e reuniões formativas, não demoraram a surgir escola, campo de jogo, cantina comunitária, e etc. Tudo em terreno doado ou vendido à Prelazia.

Cerqua (2009) evidencia a importância das congregações marianas, pois graças a esse movimento muitas comunidades obtiveram inúmeros benefícios, como escola, campo de futebol, cantina comunitária, etc. e no que se refere à organização política das comunidades no município de Parintins. Cerqua (2009, p. 154) afirma que:

Para as comunidades criadas pela Prelazia de Parintins, foi elaborado um estatuto, segundo o qual a comunidade em questão é orientada pela paróquia e é dirigida por diretoria composta de presidente, vice, secretário e tesoureiro, que se reúnem semanalmente e é eleita por dois anos.

E sobre o termo comunidade no que tange ao município de Parintins, Silva (2009) ressalta que assim como em boa parte da Amazônia, no município de Parintins utiliza-se o termo “comunidade”, para se referir as concentrações populacionais da área rural. Silva (2009, p. 32) ainda argumenta que:

O termo comunidade é utilizado por todos na região e reconhecido pelo poder público local, como as prefeituras dos municípios. Esse termo abrange características que são comuns nesses agrupamentos: a) poucos moradores que no geral são aparentados; b) relativo



isolamento entre as comunidades (muitas vezes dentro da mesma localidade existe uma longa distância entre os domicílios); e c) a presença da Igreja Católica na fundação e na organização dessas comunidades.

Porém Silva (2009) ressalta que essas regras não podem ser aplicadas a todas as comunidades em Parintins, pois nos últimos anos vem crescendo o número de comunidades de base evangélica, sendo que essas igrejas têm suas próprias normas. Silva (2009, p. 69) ressalta ainda que:

Além disso, muitas comunidades vêm sofrendo alterações em suas características socioculturais sendo que muitas não seguem as regras da igreja católica como antigamente e possuem outras formas de estabelecer o controle e a organização da comunidade. No caso específico de Parintins muitas comunidades nasceram como Congregação Mariana, rapidamente esse movimento foi se espalhando pela zona rural do município de Parintins, mobilizando as famílias que moravam nestes lugares.

Percebem-se as mudanças que vem ocorrendo na organização sociocultural das comunidades do município de Parintins. Um dado importante é que atualmente o município de Parintins possui em média 180 comunidades, conforme informações da Prefeitura Municipal.

1.2 A cultura historicamente construída no contexto da globalização

A forma como as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas acontecem no seio da sociedade global se dá de forma diferenciada em cada país, região, território ou lugar, é nesse sentido que Giddens (1991) afirma que a história da humanidade se dá de forma descontínuista.

Nesse período que Santos (2012) classifica como técnico-científico-informacional, o mundo parece cada vez mais interligado, principalmente via informação, onde o global está cada vez mais presente no local, mesmo na Amazônia, onde a informação se propaga via tecnologia para cada vez mais locais distantes dos grandes centros urbanos.

Com a propagação da informação mediante ao imperialismo da globalização no período técnico científico informacional o urbano atinge o rural, difundindo-os, integrando culturas diferentes, sem, contudo, extingui-las, permanecendo dessa forma particularidades locais.

Nesse contexto Giddens (1991) afirma também que a globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.

A partir do avanço da globalização a racionalidade do urbano também se propaga para as áreas rurais, o urbano segundo Lefebvre (2001) é modo de vida, é a racionalidade que provém da cidade, que se refere a valores, normas de condutas, hábitos e costumes, enfim uma cultura da cidade; e nesse sentido, essa racionalidade urbana atinge o campo e conseqüentemente o modo de vida rural, contudo, é preciso analisar essa relação no sentido dialético, das trocas recíprocas, visto que como ressalta Bagli (2006), as mercadorias da cidade invadem as áreas rurais, assim como os produtos dessas áreas também invadem a cidade, há todo um processo também de trocas de informações, ideias, e ida e vinda de pessoas.

Se tratando da classificação da cultura a autora Marconi (2001) afirma que esta pode ser classificada de diversas maneiras: material e imaterial, real ou ideal. Quanto à cultura material a mesma diz que se trata de coisas materiais, bens tangíveis, incluindo instrumentos, artefatos e outros objetos materiais, fruto da criação humana e resultante de determinada tecnologia, enfim, abrangem produtos concretos, técnicas, construções, etc. quanto a imaterial refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não tem substância material, como por exemplo, as crenças, conhecimentos, aptidões, significados, hábitos, valores, etc. também é importante dizer aqui que é consenso entre os antropólogos, o fato de que não existe cultura superior ou inferior, mas apenas culturas diferentes umas das outras.

A questão da cultura também envolve trocas materiais e imateriais. Por isso a autora Maio (2007) considera interessante o conceito de híbrido, pois ele



permite movimento à cultura, ele permite trocas, ele exclui a necessidade de uma “pureza” da cultura. Portanto, as trocas culturais se dão de diversas formas e motivos e esse processo gera mudanças, gera hibridização segundo a mesma.

Para autores como Fraxe (2011) as populações ribeirinhas da Amazônia apresentam uma complexa rede cultural, caracterizadas pelo encontro de culturas, seja de populações locais, ameríndias, do colonialismo europeu no passado ou mesmo da recente chegada dos nordestinos no período econômico da borracha. Ou seja, uma cultura formada pelo encontro de outras culturas, mas uma forma de perceber que as complexidades apenas se intensificam a medidas que as análises sobre esse termo se acentuam.

Nesses tempos de globalização a cultura se torna cada vez mais dinâmica, entrelaçadas e ao mesmo tempo complexa. Para se analisar esse conceito entende-se aqui que seja necessário tratar a questão no contexto da circularidade da cultura como propõe Ginsburg (1987), ou seja, no sentido das trocas simbólicas, onde uma cultura vai se apropriando da outra, sem contudo, perder de forma plena sua essência, e se as análises levarem essa lógica como condição de interpretação nos estudos científicos, então será possível uma melhor compreensão acerca desse conteúdo dotado de complexidade analítica.

2- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.1 A Comunidade de Bom Socorro do Zé Açu: formação histórica e aspectos socioespaciais

A comunidade de Bom Socorro do Zé Açu fica distante 14 km da sede municipal de Parintins, por via fluvial, e a forma mais comum de se chegar nessa comunidade é pelo rio, geralmente barcos, pois existem pelo menos cinco (05) desses meios de transporte que fazem linha da comunidade para a cidade de Parintins e vice-versa.



Figura 1: A comunidade de bom socorro do Zé Açú.
Fonte: Luís Fernando Belém da Costa (2011)

Para a construção do histórico desta comunidade, foi utilizado o livro de João Lauro Simas intitulado “1ª história do Zé Açú”. Seu João Lauro e sua esposa dona Raimunda Simas, foram membros fundadores da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, nome esse dado por eles e pelos padres Danilo Cappelletto e Pedro Vignola. Pois o mesmo relata que foi 1961 com autorização do bispo Dom Arcângelo Cerqua, que foi fundada a comunidade de Bom Socorro do Zé Açú. (SIMAS, 2000).

A comunidade de Bom Socorro do Zé Açú pela atividade política de seus representantes veio pouco a pouco conseguindo um desenvolvimento qualitativo, uma boa infraestrutura, água encanada, energia elétrica, posto de saúde que atende todas as comunidades da região do Zé Açú, colégio com sala de informática que também atende a região, comércios com uma boa variedade de alimentícios, ou seja, o desenvolvimento alcançado possibilitou que essa comunidade se tornasse uma centralidade, tanto na área econômica, quanto na área da educação e da saúde na região do zé açú, que é composta por 09 comunidades, algumas estão nas margens da micro bacia do zé açú, enquanto outras se localizam na beira das estradas.

A população da Comunidade de Bom Socorro do Zé Açú atualmente está em torno de 1200 habitantes, sendo que esta dividida em 230 famílias, além de

possuir uma área de aproximadamente 600 metros de frente e 1000 metros de fundo. Bom Socorro possui certa infraestrutura semelhante com a de uma pequena cidade, possuindo 07 ruas e duas travessas, as mesmas são “asfaltadas” (calçadão) e todas já possuem nomes (Figura 2), essa comunidade possui sistema público de abastecimento de água encanada e energia elétrica. Outra questão importante é que essa comunidade continua num processo gradativo de crescimento espacial, cada vez mais a mesma atrai pessoas de outras comunidades, municípios, enfim, de outros lugares, devido principalmente os serviços que esta oferece, principalmente no âmbito da saúde e da educação.



Figura 02: as ruas da comunidade.

Fonte: Luís Fernando Belém da Costa (2012)

2.2 Mudanças e resistências nas tradições comunitárias: A cultura ribeirinha dos moradores da comunidade de bom socorro do Zé Açú no contexto da mudança e da resistência

A comunidade de bom socorro do Zé Açú passa por um processo de urbanidades no rural, ou seja, existem formas de representações do urbano inseridas nesse local, desde a infraestrutura paisagística, assim como a própria racionalidade do urbano como modo de vida. E é nesse contexto de mudanças

socioespaciais e culturais é que se insere o conteúdo principal deste trabalho, pelo fato de que os conflitos ideológicos que existem entre os moradores antigos e os mais novos estão principalmente atrelado ao contexto do processo de “modernidade” da comunidade, que gera perda da identidade coletiva, como é ressaltado a seguir no depoimento de dona Z. S. G, 68 anos, uma moradora antiga da comunidade.

Eu acho assim, que quando eu cheguei pra Cá o povo era mais unido, o povo se reunia mais [...]Hoje é domingo né, o pessoal vinha mesmo de canoa, de casco, não tinha Rabeta, e vinha pra igreja rezar, depois da reza a gente armava um leilão, e uma hora dessa o pessoal ainda tava por aqui naquela alegria, naquela coisa toda. Ai já traziam né a comidinha deles pronta, e deixava La na canoa, hoje em dia não, não pode deixar mais nada, deixava La tudo arrumadinho e quando eles iam né, essa beirada e cheia de arvore, eles ficavam La, ainda comiam ai depois sim que iam embora. E de tarde já tavam na bola aqui de novo, eu achava assim, que era mais animado né, hoje não né, eu acho assim, que quanto mais vai crescendo parece que o pessoal vai perdendo a fé [...] na parte religiosa há um fracasso, eu acho assim uma preguiça, é preguiça ne porque tão morando aqui do lado da igreja, então tem gente que mora no lado da igreja e não vai na igreja, custam a ir, só enche a igreja sexta feira santa. (pesquisa de campo, 2012).

Verifica-se no depoimento da comunitária que houve uma profunda mudança nas relações sociais entre os moradores da comunidade, principalmente voltada a questão das crenças, ou seja, da religião, pelo fato de cada vez mais estar havendo um descomprometimento por parte dos fieis para com a igreja e as celebrações que existem na mesma. O crescimento da comunidade torna as relações sociais mais complexas, ocorrendo a perda da identidade coletiva, e acentuando os conflitos entre racionalidades distintas. Nas palavras da moradora percebe-se nas palavras da comunitária um enaltecimento do passado. Terezinha Fraxe (2011, p.29) argumenta que “o enaltecimento do passado é justificado pelo respeito aos valores familiares, ao convívio pacífico com a vizinhança e a compreensão entre as pessoas, comportamentos cada vez menos comum nos dias atuais”.

A logica do urbano na concepção de Lefebvre (2001) como modo de vida está presente no cotidiano dos moradores da Comunidade de bom socorro do Zé



Açu através de valores, modos de ser e se vestir, individualidades que rompem com a relação de ajuda mútua, relações típicas de comunidades ribeirinhas da Amazônia, mas que com a lógica do urbano, que também pode ser vista como a lógica da racionalidade capitalista, essas antigas relações tendem a ser modificadas. O depoimento a seguir de um dos representantes políticos da comunidade deixa evidenciada essa situação

Por exemplo, nos últimos 10 anos, a gente observou, que chegou o progresso, começou com a energia né, então quando você tem energia de qualidade, você já compra televisão, aparelho de som, já tem um outro entretenimento [...] então quando chega o progresso, as pessoas já tem uma certa opção, tem um programa de televisão, reúne a família, então a minha preocupação particularmente e que vem sendo discutido, é que veio o progresso, mas nós que sempre estamos na liderança da comunidade, não nos preparamos para essa concorrência. Porque é uma concorrência também né. Essa escassez, essa falta de participação na comunidade está relacionada a isso. (A. S. B, 45 anos, pesquisa de campo, 2012).

O progresso na visão do comunitário trouxe alternativas de entretenimento, por outro lado impôs a falta de participação dos moradores na comunidade; existe uma preocupação com a falta de participação dos fiéis com a Comunidade à medida que a mesma cresce e ganha mais infraestrutura. Silva (2009) apresenta importante contribuição neste trabalho quando ressalta que há um processo de transformação dos lugares onde a presença do rural e do urbano está explicitamente evidenciada, ambos trabalhando conjuntamente, ora se afastando ora se complementando, moldando um local que não é totalmente urbano, mas, que não apresenta suas características rurais de antigamente, porém não significando o fim desse rural, mais sim uma forte imbricação entre o rural e urbano numa relação dialética, ou seja, complementar.

O salto qualitativo no desenvolvimento é um fator que coloca a comunidade ainda mais imbricada numa relação rural e urbano. As mudanças como se percebe são notórias, e esse processo vem alterando a vida nessa comunidade, pois cada vez mais a vida nesse local se parece com a vida na cidade, principalmente nos problemas sociais como é exposto novamente no depoimento do Sr. A. S. B, 45 anos.

Então esse avanço do progresso que chegou influencia num comportamento brusco assim que a gente não consegue entender, então o desafio é muito grande pra nós, alguém pode até dizer que é uma comunidade ainda pequena, mas nos temos os mesmos problemas que tem na cidade, droga, prostituição, problemas familiares. É um caso muito serio isso daqui. (pesquisa de campo, 2012).

Nitidamente se percebe que o comunitário reconhece que os problemas sociais enfrentados na comunidade são típicos da cidade; na pesquisa quando perguntados se havia casos de violência na rua onde moravam; simplesmente 76% dos entrevistados responderam que sim, ressaltaram que na atualidade os casos de violência, principalmente envolvendo brigas por causa do consumo de bebidas alcoólicas são muito frequentes, sendo que segundo os mesmos antigamente eram muito raros os casos de violência; interessante que se notou na fala dos entrevistados a seguinte frase “aqui já está no ritmo de cidade”. Então é o modo de vida urbano cada vez mais presente, impondo novos comportamentos que são característicos das cidades, é o que acontece na comunidade pesquisada, por outro lado como já mencionamos o rural ainda se faz muito presente na vida dos comunitários; pois como afirma Priscila Bagli (2006, p. 98) se referindo a resistência do rural na relação com o urbano.

O cotidiano está sempre permeado por uma lógica que cria e recria hábitos. Embora existam hábitos comuns, como assistir televisão, ouvir rádio, acessar a internet, usar aparelhos elétricos na realização de alguma atividade domestica, peculiaridades se mantêm.

E na comunidade pesquisada muitos moradores ainda mantem laços característicos de uma cultura rural, ou cabocla-ribeirinha como autores como Fraxe (2004) denominam no caso da cultura dos moradores das Comunidades ribeirinhas da Amazônia. Muitos moradores mantem laços de amizade, de compadrio, e ajuda mútua muitas famílias ainda sobrevivem da agricultura (45%), alguns ainda sobrevivem da pesca (5%). A cultura local pode ser analisada do ponto de visto do termo híbrido proposto por Maio (2007), pois não é pura no sentido de metáfora, justamente por receber uma grande influência da cultura



urbana, até mesmo pela proximidade com a cidade de Parintins, e por receber também a influência dos meios de comunicação. Então há toda uma lógica de circularidade da cultura nesse contexto; onde culturas diferentes se encontram no mesmo lugar, ocasionando um processo de perdas e ganhos, apropriação e resistência, assim como crises de identidade, e mesmo conflitos e lutas pela preservação de uma cultura regional.

Considerações Finais

As relações que se estabelecem no contexto social e cultural das comunidades ribeirinhas da Amazônia são extremamente complexas, as relações ora são semelhantes e ora distintas, há todo um contexto de perdas e ganhos do ponto de vista cultural nesses tempos em que a globalização tende a se impor sobre os lugares. Para entender melhor a Amazônia é necessário não somente se ater a um conhecimento teórico, mas também empírico, do fazer parte, do vivenciar realmente esse palco de inúmeros povos historicamente constituídos, é preciso também entender essa variedade de povos do ponto de vista antropológico, reconhecendo as categorias como os indígenas, os ribeirinhos, castanheiros, quilombolas, entre tantos outros povos tradicionais da Amazônia, mas também é fundamental que haja um desprendimento por parte do ponto de vista biológico para se conhecer essa variedade de povos, posto que as imagens sobre a Amazônia, principalmente gerada pela mídia são quase sempre exaltando a natureza do ponto de vista da sua fauna e flora, enquanto que os habitantes da região são tratados com certa invisibilidade.

Constatou-se nesta pesquisa que a realidade local está permeada por uma série de especificidades próprias como as relações com o rio e a floresta, as relações de vizinhança ainda existem, apesar de não serem mais como antigamente, ainda existem também as típicas festas em honra aos santos que acontecem no mês de junho, que faz a comunidade se unir e se sentir como uma

comunidade; visto ser o momento em que os moradores se unem para a realização da mesma, a festa também é um momento de reafirmação da cultura cabocla-ribeirinha, e que promove também o processo de circularidade da cultura, posto que a todo um fluxo de pessoas que vem de outras comunidades e mesmo da cidade de Parintins para participarem da festa, ainda existem também as famosas quadrilhas que ocorrem com frequência nos fins de semana na Comunidade.

Ao mesmo tempo em que existem as especificidades locais, as imposições de ordem externa influenciam muito na vida dos moradores, principalmente pela racionalidade urbana e capitalista, e são esses elementos é que proporcionam esses conflitos sociais, provocando uma significativa perda da identidade coletiva, então se chegou a ideia neste trabalho que ocorre no local um processo cultural do ponto de vista do termo híbrido proposto por Maio (2007), visto que ao mesmo tempo em que se é possível perceber uma cultura cabocla-ribeirinha no local, também é possível notar que a uma cultura urbana presente no modo de vida dos moradores, então esta presente no cotidiano dos moradores um processo onde culturas diferentes se encontram, se apropriam umas das outras, sem contudo, haver uma perda plena da essência de cada cultura.

A Comunidade de Bom socorro do Zé Açú passa por uma serie de mudanças em vários sentidos, do ponto de vista espacial, econômico, social e cultural, nesse trabalho o objetivo foi compreender os conflitos que envolvem o duelo de racionalidades entre os moradores mais antigos e os mais novos, do ponto de vista sociocultural então nesse contexto. Essa pesquisa é fruto de um trabalho que veio sendo realizado desde o ano de 2011, e a principal dificuldade para sua execução foi justamente o motivo do grupo de pesquisa com poucos recursos materiais ter que se deslocar para a área de pesquisa, mas graças ao empenho de todos e principalmente com a contribuição dos moradores da comunidade foi possível executá-la, e através desse dado particular se ter uma melhor compreensão das relações socioculturais que premeiam o cotidiano dos



moradores das comunidades ribeirinhas da Amazônia, em especial as localizadas no município de Parintins.

Referências

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. (orgs). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 81-108.

CERQUA, D. A. *Clarões de fé do médio Amazonas*. 2. ed. Manaus: ProGraf-Gráfica e Editora, 2009.

FRAXE, T. J. P. *Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: Memória, Ethos e Identidade*. Manaus: Reggo edições, 2011.

_____. *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

Giddens, Anthony. *As consequências da modernidade*. tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Betânia Amoroso. São Paulo: companhia de letras, 1987.

LEFEBVRE, Henry. *O direito á cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo; Centauro, 2001.

MAIO, Ivone dos Passos. *Antropologia e Turismo – reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais nas localidades receptoras*. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL da Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo - Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006.

MARCONI, Maria de Andrade. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo, atlas, 2001.

SANTOS, Milton, *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. Ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, C. M. M. *Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia*/Charlene Maria Muniz da Silva. - Manaus: UFAM, 2009.

SIMAS, J. L. *1ª história do Zé Açú*. Gráfica Parintins, 2000.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1988.